

# A LEGITIMAÇÃO DA UNIÃO HOMOAFETIVA NO ROMANCE A LUZ DO FAROL, DE COLM TÓIBÍN: UMA LEITURA A PARTIR DE JUDITH BUTLER

## THE LEGITIMATION OF THE HOMOAFECTIVE UNION IN THE NOVEL BLACKWATER LIGHTSHIP, BY COLM TÓIBÍN: A READING FROM JUDITH BUTLER

Lídia Apolinario Pires 1  
Rejane de Souza Ferreira 2

**Resumo:** O presente artigo tem objetivo de promover uma relação entre o romance *A luz do Farol*, do escritor irlandês Colm Tóibín, e o texto crítico *O parentesco é sempre tido como heterossexual?*, da filósofa Judith Butler. O romance decorre em torno da personagem Helen e o drama vivido por seu irmão, Declan, que possui o vírus da Aids. Contudo, utilizaremos um trecho tangencial, a respeito da união matrimonial da personagem Paul, amigo de Declan, que acreditamos estar ligado ao texto referido de Butler. Pretendemos, então, por meio de outros argumentos teóricos, compreender a necessidade do matrimônio como legitimação da relação homoafetiva.

**Palavras-chave:** Irlanda. Homoafetividade. Casamento. Família.

**Abstract:** This essay aims to promote a relationship between the novel *Blackwater Lightship*, by the Irish writer Colm Tóibín and the critical text *Is Kinship Always Already Heterosexual?*, by the philosopher Judith Butler. The novel runs around Helen, and the issue experienced by her brother, Declan, who has the Aids virus. Although, we will use a tangential section regarding the matrimonial union of the character Paul, Declan's friend, that we believe to be connected with Butler's theory. We intend, therefore, through other texts understand the necessity of the marriage as legitimation of the homosexual relationship.

**Keywords:** Ireland. Same-sex affectivity. Marriage. Family.

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras - Literatura da Universidade Federal do Tocantins, campus de Porto Nacional. Licenciada em Letras - Português e suas Respectivas Literaturas, pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Foi pesquisadora bolsista pelo (Programas de Bolsas de Iniciação Científica) PIBIC/CNPq - UFT, com o trabalho voltado para o Regionalismo Tocantinense, conseguindo a premiação de 3º lugar no 12º Seminário de Iniciação Científica. É pesquisadora do NIEL (Núcleo Interdisciplinar de Estudos Literários) da UFT. E-mail: apolinariolidia@gmail.com

Possui graduação em Letras Português Inglês pela Universidade Federal de Goiás (2004) e mestrado (2007) e doutorado (2014) em Letras e Linguística pela mesma universidade. Teve apoio da CAPES para fazer doutorado sanduíche na University College Dublin (2013). É membro da International Association for the Irish Study of Irish Literature (IASIL) e da Associação Brasileira de Estudos Irlandeses (ABEI). Líder do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Literários da Universidade Federal do Tocantins (NIEL/UFT). Atualmente é professora do Curso de Letras Inglês e do Programa de Pós-graduação em Letras da UFT em Porto Nacional. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literaturas Estrangeiras Modernas, atuando principalmente nos seguintes temas: Irlanda, narrativa, mulheres e família. E-mail: rejaneferreira@mail.uft.edu.br

## Introdução

No ano de 1999, Colm Tóibín (1955 -) escreveu o romance *A luz do Farol*, que veio se tornar importante por abordar a temática homoafetiva na Irlanda e a Aids de modo explícito pela primeira vez na literatura irlandesa. O texto é narrado em terceira pessoa, com o foco narrativo na protagonista Helen que descobre por meio de Paul que seu irmão Declan possui o vírus da Aids. Paul é amigo de Declan, mas uma vez que a irmã já recebeu a pior parte da notícia através de seu amigo, Declan pede pessoalmente que ela vá ao encontro da mãe e da avó deles, pessoas com as quais Declan sabia que Helen não tinha uma boa relação. A pedido do enfermo, todos se hospedam na casa de Dora Devereux, avó de Helen. O rapaz, ainda, convida seus dois amigos, Paul e Larry, para juntar-se à família e, debaixo do mesmo teto, as personagens vivem alguns dias sob um clima de tensão e conflitos entre eles. No decorrer da narrativa, há uma conversa entre a protagonista e Paul, que conta sobre si e seu marido François e como se deu a cerimônia religiosa do casamento deles.

Notamos, então, nesse trecho tangencial à obra, uma relação confluyente com o texto: *O parentesco é sempre tido como heterossexual?* (2002), de Judith Butler (1956 -) que discute a respeito do parentesco homossexual. Queremos, portanto, explicar partindo principalmente do texto de Butler, o motivo pelo qual as personagens Paul e François recorrem à Igreja e se casam. No entanto, antes de explorarmos essa relação, explanaremos sobre o ambiente e o contexto Irlandês da década de 90, pois queremos também tentar compreender, através da teoria de Butler e da conjuntura histórico-social do referido país, a dificuldade das personagens femininas em aceitar o núcleo familiar formado pelos amigos de Declan. É importante esclarecer que não pretendemos responder questões sobre a legitimidade do casamento gay, mas tentar compreender a busca da legitimação dessa união.

Ordenaremos, portanto, o trabalho em duas partes. A primeira consiste na contextualização da homoafetividade e sua aceitação no romance, e, em sequência, trataremos do matrimônio entre o casal como uma busca de legitimação de sua união.

## Contextualização da homoafetividade no romance *A luz do Farol*

A maioria das pessoas, quando se fala em família, logo pensa na matriz composta pelas figuras do pai, da mãe, e dos filhos. Na Irlanda do século XX, ainda marcada por ideias tradicionais e patriarcais o modelo de família não é diferente. Oliver Ramme conta que na Irlanda pós independência,

De Valera<sup>1</sup> deixou a sua marca republicana e católica na Constituição que entrou em vigor em 29 de dezembro de 1937, após ser aprovada num plebiscito. Entre outras coisas, ela proibiu o divórcio e condenou a mulher à atividade doméstica (2017, s/p).

A família é uma instituição que fora preservada sob a proteção especial do Artigo 41 da Constituição de 1937, leis estas as quais compactuavam com as leis católicas presentes no Código de Direito Canônico da época. Esse Código de Direito Canônico, comumente referido através de sua sigla em latim CIC – *Codex Iuris Canonici*, é o conjunto de leis que regulam a organização da Igreja Católica Apostólica Romana, em outras palavras, é uma espécie de constituição específica dessa Igreja. A respeito do casamento, o CIC vigente no momento da formulação da referida constituição da Irlanda, previa-o da seguinte forma:

C. 1013. § 1. A finalidade essencial do matrimônio é a procriação e educação dos filhos; em segundo lugar, a assistência mútua, remédio contra a concupiscência.

§ 2. As propriedades essenciais do matrimônio são a unidade e indissolubilidade, que no matrimônio cristão obtém uma

<sup>1</sup> Éamon de Valera (1882- 1975) então presidente da República da Irlanda. Ocupou os cargos mais importantes sendo primeiro ministro (*taoiseach*) e presidente de 1917 a 1975.

firmeza especial do sacramento<sup>2</sup> (1917, s/p).

Ou seja, o casamento tinha a obrigação primeira de gerar filhos e educá-los para a sociedade. Comparemos com o Artigo 41 da Constituição irlandesa em estudo:

1.1 O Estado reconhece a Família como unidade de grupo primariamente natural e fundamental da Sociedade, e como uma instituição moral possuindo inalienáveis e imprescritíveis direitos, antecedendo e superando a toda lei positiva<sup>3</sup>.

([https://www.constitution.ie/Documents/Bhunreacht\\_na\\_hEireann\\_web.pdf](https://www.constitution.ie/Documents/Bhunreacht_na_hEireann_web.pdf) . p. 161)

Ambas tratam a família como responsável pela guarda dos princípios e da moral cristã, e, segundo os textos, essa deve ser indissolúvel e inalienável. Isto é, o núcleo familiar é considerado uma instituição sacrossanta e inviolável, porque possui a responsabilidade da manutenção do ideal de convivência em sociedade.

Apesar de a trama de *A luz do farol* acontecer depois que a Igreja passou por reformulações no Concílio do Vaticano II, na década de 1960, mesmo período em que a Irlanda também passou por um processo de transformações, essas ainda foram muito sutis tanto no campo da Igreja quanto no do país. Vejamos a redação do CIC em vigor no período em que a trama se desenrola:

Cân. 1055 — § 1. O pacto matrimonial, pelo qual *o homem e a mulher* constituem entre si o consórcio íntimo de toda a vida, ordenado por sua índole natural ao bem dos cônjuges e à *procriação e educação da prole*, entre os batizados foi elevado por Cristo Nosso Senhor à dignidade de *sacramento*<sup>4</sup>. (1983, p. 186 – grifos nossos)

Ou seja, o casamento será considerado um sacramento só se for a união entre um homem e uma mulher que terão a obrigação de gerar filhos para batizá-los na Igreja Católica. O batismo, por sua vez, é outro sacramento que implica na obrigação do batizado em viver segundo a moral cristã. Entende-se por sacramento certos rituais cristãos que permitem a ação divina no ser humano. Nesse sentido, trata-se de um sinal sensível da graça de Deus. Ainda no CIC: “Cân. 226 — § 1. Os que vivem no estado conjugal, segundo a própria vocação, têm o dever peculiar de trabalhar na edificação do povo de Deus por meio do matrimônio e da família” (1983, p. 38). Assim, os princípios morais cristãos, que edificam o homem segundo a Igreja Católica, devem ser salvaguardados pela união matrimonial e pela família.

Diante disso, se tornou um pensamento natural entre os irlandeses de que a moça deveria se casar com um rapaz, que conseguisse manter a subsistência da família sozinho para que ela pudesse ter tranquilidade para gerar os filhos e conduzir o lar sozinha em casa. As crianças, por sua vez, seriam obrigatoriamente fruto exclusivo do bom desempenho materno que a mulher conseguisse desempenhar às custas do provedor da família.

Essa ideia do lar e da manutenção da cultura vigorou, com essa configuração que baseou o núcleo familiar durante todo o século XX, como um modelo tradicional de família que representaria a Irlanda, mesmo que, conforme adiantamos, a partir da década de 60, o país tenha começado a sofrer o que os críticos Magda V. F de Tolentino e Raimundo E. Santos Sousa (2010, p. 250)

2 Can. 1013. § 1. *Matrimonii finis primarius est procreatio atque educatio prolis; secundarius mutuum;, adiutorium et remedium concupiscentiae.* Tradução nossa, assim como as demais traduções a partir da língua latina.

§ 2. *Essentiales matrimonii proprietates sunt unitas ac indissolubilitas, quae in matrimonio christiano peculiarem obtinent firmitatem ratione sacramenti*

3 1.1. The State recognizes the Family as the natural primary and fundamental unit group of Society, and as a moral institution possessing inalienable and imprescriptible rights, antecedent and superior to all positive law.

4 O documento oficial consultado se encontra escrito em Língua Portuguesa, na ortografia de Portugal.

comentam ser um “processo de abertura econômica e cultural que paulatinamente atenuaria a imagem da Irlanda como um país rural e moralista”.

Entretanto, o maior impacto sofrido pela população fora o rápido e repentino crescimento econômico que o país sofreu na década de 90, conhecido como Tigre Celta. A abertura econômica e em especial tecnológica acarretou em um aumento considerável de capital, de empregos e, como consequência, a elevação do número de imigrantes. Segundo Bryan Fanning,

Até meados da década de 1990, a República da Irlanda (doravante “Irlanda”) tinha uma longa história de emigração em larga escala, pontuada por alguns curtos períodos durante os quais alguns membros da Diáspora (antigos emigrantes e descendentes de emigrantes) voltaram a viver na Irlanda. À medida que a economia começou a crescer rapidamente a partir de meados dos anos 1990, tornou-se visível que, deixados a si mesmos, os irlandeses que estavam no exterior talvez não voltassem em número suficiente para atender a demanda do mercado de trabalho do Tigre Celta. A virada do século testemunhou esforços pró-ativos do estado irlandês para encorajar a migração de retorno da geração dos emigrantes bem educados e altamente qualificados dos anos 1980. (<http://www.ucd.ie/t4cms/Understanding%20Immigration%20and%20Social%20Change.pdf>, p.1)5.

Com o Tigre Celta, ocorre o efeito reverso da emigração que sempre foi característica da Irlanda. O país com grande demanda de emprego recebe irlandeses que voltam para sua terra, além de outros imigrantes de outras partes do mundo. A chegada de irlandeses que viveram em outros meios sociais e a chegada de emigrantes de diferentes nacionalidades e culturas refletiu diretamente na cultura irlandesa. Estamos falando de elementos éticos, religiosos, linguísticos, artísticos, morais e sexuais que começaram a se misturar. É inevitável ao receber tantas pessoas vindos de lugares e manifestações culturais diferentes não sofrer alteração, no caso da Irlanda, essa mudança foi drástica, considerando a situação tanto econômica quanto política que o Tigre Celta proporcionou. A respeito disso, Fintan O’ Toole comenta:

Booms sempre geram histeria, mas o que fez o irlandês tão extremo foi que estava preenchendo um vazio. O Tigre Celta não era apenas uma ideologia econômica. Foi também uma identidade substituta. Foi uma nova maneira de ser que chegou exatamente no ponto em que o catolicismo e o nacionalismo não estavam mais funcionando. No seu mais barato, essa identidade se expressou em um consumismo louco, em uma arrogância em relação ao resto do mundo, em uma recusa deliberada de todos os laços de história e tradição. Mas havia outras coisas embrulhadas nisso também – otimismo, confiança, uma nova abertura e facilidade, uma ausência de medo<sup>6</sup> (2010, p. 3).

5 Until its mid-1990s boom the Republic of Ireland (hereafter ‘Ireland’) had a long history of large-scale emigration, punctuated by a few short periods during which some members of the Diaspora (former emigrants and descendants of emigrants) returned to live in Ireland. As the economy began to grow rapidly from the mid-1990s it became apparent that, left to themselves, the Irish abroad might not return in sufficient numbers to meet the demands of the Celtic Tiger labour market. The turn of the century witnessed pro-active efforts by the Irish state to encourage the return-migration of the 1980s generation of well-educated and highly-skilled emigrants. Tradução nossa, assim como os demais textos citados em língua inglesa, ao longo desse artigo, que não se encontram oficialmente traduzidos para língua portuguesa.

6 Booms always engender hysteria but what made the Irish one so extreme was that it was filling a void. The Celtic Tiger wasn’t just an economic ideology. It was also a substitute identity. It was a new way of being that arrived just at the point when Catholicism and nationalism were not working any more. At its cheapest, this identity expressed itself in a mad consumerism, in an arrogance toward the rest of the world, in a willful refusal of all ties of history and tradition. But there were other things wrapped up in it too—optimism, confidence, a new openness and ease, an absence of fear.

Nesse contexto se passa o romance *A luz do Farol*, lançado em 1999 pelo escritor irlandês Colm Tóibín, que aqui será analisado. A trama se desenvolve na década de 90, em plena época da modernização irlandesa, como constatamos no seguinte trecho em que fala sobre a personagem Lily, mãe de Declan, e se refere à vinda da informática, resultado do Tigre Celta:

Então com o advento dos computadores, ela passou a dar palestras para grupos empresariais e outros interessados, nas quais falava sobre a necessidade de informatização (TÓIBÍN, 2004, p. 94).

Não só a informática adentrou os lares irlandeses, mas, também um outro assunto veio à tona atingindo algumas famílias: a homoafetividade e, na época, relacionada a ela, a Aids. A Aids e as relações homoafetivas afetaram, também a escrita, em especial da literatura, que se tornou um veículo de desabafo, crítica e resistência, como nos conta José Yebra:

O impacto da AIDS na escrita gay nos anos 80 e 90 é inegável. Em ambos os lados do Atlântico, escritores britânicos e americanos deram testemunho do fenômeno traumático que por alguns anos ameaçou apagar a comunidade gay. (2014, p. 97).

Podemos pensar que parte desse trauma é vivenciado dentro das próprias casas com a renúncia da ideia de possuir um membro fora da normatividade heterossexual. Tóibín relata, portanto, em seu romance, a recepção da notícia que um membro da família é homossexual e soropositivo em um lar irlandês já marcado pela modernização fruto do Tigre Celta.

A respeito do contexto irlandês Ferreira (2014, p. 104) afirma: “Neste caso, como as relações homossexuais não geram filhos, elas ameaçavam, além da moral e dos costumes religiosos, a economia familiar”. A relação homoafetiva fere os princípios defendidos pelo povo como a reprodução, e a estrutura base da família: homem, mulher e filhos. De acordo com Ferreira:

Com a Constituição de 1937 prevendo os homens irlandeses como modelos de restrição emocional e sexual e as mulheres como subalternas aos seus maridos, torna-se automática a exclusão ou a invisibilidade dos homossexuais no país (2012, p. 102).

Dessa forma, essa relação não é reconhecida como legítima aos olhos do meio social. O preconceito e a preocupação demonstrados pelas personagens da trama, por exemplo, referem-se tanto ao fato da homoafetividade em si, quanto da relação de amizade e da consolidação familiar que a comunidade gay possui um com o outro.

Ao observarmos as personagens femininas da obra, por exemplo, percebemos que elas podem ser vistas, por um lado, como à frente de seu tempo, no que concerne à independência das mulheres e ao empreendedorismo, mas por outro lado, elas ainda mantêm seus moralismos, pois observamos nelas reflexos de pensamentos tradicionais e a não aceitação do estilo de vida adotado pelos personagens masculinos em questão, que possuem uma identidade homoafetiva. No que toca às ideias a respeito da sexualidade e em especial do matrimônio, Judith Butler afirma:

Esses pontos de vista podem se conectar de diversas maneiras; uma delas consiste em sustentar que a sexualidade deve se prestar às relações reprodutivas e que o casamento, que confere estatuto legal à forma da família, ou, antes, é concebido de modo a dever assegurar essa instituição, conferindo-lhe esse estatuto legal, deve permanecer como o fulcro que mantém essas instituições em equilíbrio (2003, p. 221).

A mãe e a irmã de Declan revelam sustentar esse ponto de vista, a respeito da formação da família, que consiste na fórmula típica alegada pela tradição do Estado em que o lar seria constituído

pela união especialmente no que tange à reprodução e criação de laços consanguíneos. Segundo Ferreira:

O domínio da Igreja Católica e a Constituição da Irlanda de 1937 estabeleceram princípios morais, ideológicos e imaginários que contribuíram bastante para a repressão, em uma escala generalizada, dos modelos familiares que ousassem fugir do padrão nacional religioso determinado (2014, p. 11).

Essa ideia do modelo de lar ideal apoiada pelo Estado e pela Igreja Católica fora amplamente difundida, consolidada e salvaguardada ao longo dos anos e ainda se mantém de alguma forma no inconsciente do povo irlandês mesmo com tantos avanços ocorridos no país. Conforme Michel Foucault, isso acontece porque,

[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (1996, p. 8-9).

Mesmo com a modernização tanto tecnológica quanto ideológica a população ainda reproduz o discurso fomentado e controlado pelo Estado e pela Igreja Católica. Esses discursos são reproduzidos na obra em estudo, como podemos perceber na reação de Lily, mãe de Declan, quando Paul demonstra ter mais conhecimento sobre os cuidados com o amigo.

“Esse sujeitinho tem resposta para tudo”, disse Lily.

“Acho que ele passou por muito mais coisas com o Declan do que nós”, disse Helen.

“*Mas não há nada que substitua a família da gente.*” (TÓIBÍN, 2004, p. 206 – grifo nosso).

Vê-se que Lily não aceita o fato de um amigo assumir o controle dos cuidados de seu filho, tarefa essa, inicialmente destinada à mãe. Para ela, a amizade não pode ser tomada como família, não é tida como um tipo de parentesco. A última frase pronunciada demonstra que uma mulher tida como moderna, chefe de uma empresa de informática como mencionado anteriormente, ainda promove um argumento conservador ao afirmar que família se trata apenas de laços consanguíneos. O preconceito da mãe de Declan pode ser compreendido pelo que Butler chama de prática de dominação. Nas palavras da filósofa:

A disputa é parcialmente uma disputa sobre palavras, sobre onde e quando se aplicam, sobre suas plasticidades e seus equívocos. Mas é mais especificamente uma disputa sobre se certas práticas de denominação mantêm os pressupostos sobre os limites do que é humano (2003, p. 236).

Ao afirmar que o círculo de amizade de Declan não é família, Lily pratica um ato de dominação sobre os limites humanos daqueles personagens, negando a família nega-se, também a subjetividade dos seus, ferindo a sexualidade, e todo o peso histórico, cultural e social que ambos carregam e assumem ao se afirmarem gays.

A atitude de Lily poderia ser pensada como um ato manipulado que não permite a personagem olhar para a homoafetividade como algo natural levando-a a reconhecer e depois negar a sexualidade de seu filho. Percebemos a afirmação de Butler no segmento da trama quando Lily soube por Helen que Declan possuía a doença. Inicialmente, ela ficara intrigada, não querendo acreditar que seu filho pudesse ser soropositivo e homossexual:

“Ele está com Aids. Descobriu faz tempo, mas não quis contar pra gente.”

Helen notou que a mãe continha a respiração enquanto uma sombra escura parecia passar em frente ao carro (TÓIBÍN, 2004, p. 99).

A sombra escura pode ser entendida como algo que nunca se imaginara acontecer na família de Dora e Lily Devereux, inicialmente como uma mancha obscura no nome da família, ainda referência como status social. Não contente com a conversa que tivera com Helen, Lily ao chegar ao hospital encontra-se com a médica de Declan. A personagem ignora, o diálogo que tivera com a filha e recorre à informação científica querendo ter certeza sobre a situação em que o rapaz se encontrava e sobre sua sexualidade:

Quando Helen abriu a porta, sua mãe voltou-se para a médica. “Será que poderíamos falar um minuto em particular?”

[...]. Sabia o que sua mãe iria perguntar à médica: era a mesma indagação que ela evitara fazer no carro. Sempre se questionara se ela sabia que Declan era gay e estava em dúvida se a infectologista iria ou não contar a verdade. Contudo, ao observá-la sair do consultório e caminhar a seu lado pelo corredor, percebeu que ela havia recebido uma resposta. Tinha os ombros curvados e os olhos pregados no chão. Fazia anos que Helen não a via tão desolada (TÓIBÍN, 2004, p. 102-103).

Lily a princípio não quer admitir a situação em que Declan se encontrava. Após a afirmação científica a mãe se viu obrigada a reconhecer a doença e a sexualidade do seu filho, no entanto, reconhecer não é necessariamente aceitar, conforme argumenta Butler:

Porém, o argumento repousa sobre um certo paradoxo, que seria difícil negar, posto que, se alguém não quer reconhecer certas relações humanas como parte do humanamente reconhecível, logo, esse alguém já as reconheceu e busca negar aquilo que, de uma maneira ou de outra, já foi compreendido (2003, p. 236).

Para Lily aceitar a doença e a sexualidade de seu filho, foi preciso confirmar com a médica, pois para ela era mais fácil acreditar que sua filha havia lhe dado uma notícia falsa. Mas, a partir do momento de reconhecimento, a mãe, mesmo com sua tradição ferida, continuou a cuidar de seu filho.

No entanto, o discurso de preconceito não se repete apenas nas palavras de Lily, mas em alguns momentos nas falas de Helen e Dora. Por mais que as personagens comentem o fato de já saber sobre Declan e tentar ao máximo respeitá-lo, a negação da homossexualidade recai sobre os amigos ali presentes, Paul e Larry. Como é mostrado no seguinte trecho:

Então, com um tom brusco e determinado, a velha disse para Paul: “Ah, quando vi você saindo do carro, pensei comigo mesma, esse é, *mais um deles*”.

“Como assim, vovó?”, perguntou Helen.

“Acho que você sabe do que estou falando, Helen.”

“*Acho que ela está se referindo a nós homossexuais*”, Disse Paul.

“Vovó, a senhora não pode falar das pessoas desse jeito”. (TÓIBÍN, 2004, p. 142 – grifo nosso).

A avó de Declan, ao mencionar “*mais um deles*”, ecoa um discurso de teor ofensivo não só aos amigos do seu neto, mas que se estende a toda comunidade gay. O modo como Dora se dirige

aos gays deixa implícito que eles não são pessoas de boa índole, mas como um grupo a ser deixado à margem. Expressões como essa se encontram cristalizadas na fala da sociedade irlandesa.

Sendo assim, a relação homoafetiva encontra dificuldades de aceitação por causa da cultura da heteronormatividade dominante no meio social. Os gays, na tentativa de se inserirem à norma para serem aceitos socialmente, buscam diferentes formas de fazer com que a sociedade os aceite, sendo o casamento uma delas, como forma de garantir o laço de parentesco familiar.

## O parentesco homossexual: reconhecimento

Para falar a respeito da relação homoafetiva e sua busca por reconhecimento, devemos entender, primeiro, como Judith Butler nos apresenta a ideia do parentesco:

Se entendermos parentesco como um conjunto de práticas que estabelece relações de vários tipos que negociam a reprodução da vida e as demandas da morte, então as práticas de parentesco são aquelas que emergem para dirigir as formas fundamentais da dependência humana, que podem incluir o nascimento, a criação das crianças, as relações de dependência e de apoio emocional, os vínculos de gerações, a doença, o falecimento e a morte (para citar algumas) (2003, p. 221).

Assimilaremos, então, o parentesco não como um núcleo heteronormativo que tem, como principal função, a reprodução e a criação dos filhos; mas como um laço que une duas ou mais pessoas, independente de sua sexualidade e, entre essas pessoas, se conserve uma relação interdependente de respeito e apoio de ambas as partes.

A década de 90 ainda é uma época em que ser gay na Irlanda, além de estar à margem da constituição, feria os costumes, a cultura e o modelo ideal da família irlandesa, desrespeitando algo do qual a sociedade se orgulhava. Nas palavras de Ferreira:

Assim, quem não se enquadra no padrão estabelecido, em consequência, se torna uma aberração. Quem não segue a constituição do país está desrespeitando-a, sendo, portanto, criminoso, sobretudo quando a homoafetividade ameaça o ideal familiar previsto na constituição (2014, p. 102-103).

Vale afirmar que, um dos principais fatores de negação a respeito da relação homossexual pode ser vista pela ausência de informação, e pela convivência distante e pouco íntima com essa comunidade. Colm Tóibín, em um texto para o jornal *Independent* comenta que “na Irlanda, até recentemente pessoas gays tiveram um estilo de vida nas sombras, não se declarando” (2015, s/p). Declarar-se gay, especialmente para a família, foi um grande passo devido à distância existente entre a comunidade homossexual e a comunidade heterossexual, como podemos ver no diálogo entre Lily e Helen:

“Por que ele não falou nada pra gente?” [...]

A chuva parou e Helen desligou os limpadores.

“Por que o Declan não quis me contar pessoalmente?”

“Ele estava muito aflito com sua reação.”

“E foi por isso que mandou você vir me contar?” (TÓIBÍN, 2004, p. 100).

Declan sentia medo e não conseguira contar à sua mãe sobre sua sexualidade, muito menos sobre sua doença, escondendo esses fatos por anos. “‘Eu devia ter contado antes’, disse Declan, ‘mas não tive coragem’” (TÓIBÍN, 2004, p.108). Apesar de ainda esconder sua sexualidade, Helen já

---

7 in Ireland until recently gay people had a way of living in the shadows, not declaring ourselves (TÓIBÍN, 2015, s/p).



desconfiava da identidade do irmão.

“Desde quando você sabe sobre o Declan?”

“Fiquei sabendo ontem, já disse.”

“Não, não é isso. Estou falando desses amigos dele, do tipo do Paul.”

“De que tipo?”

“Você sabe de que tipo”, contestou a mãe com irritação.

“Eu sempre soube.”

“Será que você pode me responder direito, Helen?”

“Há uns dez anos, talvez mais.” (TÓIBÍN, 2004, p. 111-112).

Há como fora mostrado acima, o medo dos homossexuais de se revelarem como aqueles que aceitam um outro tipo de relacionamento, não legítimo para o lar Irlandês. Os gays então, não possuíam um lugar em que pudessem falar, estavam à margem por não serem entendidos. Tóibín (2015, s/p), afirma que

Invisibilidade veio a ser parte de um mecanismo de sobrevivência. Sua desvantagem era que as pessoas simplesmente não sabiam sobre nós, e mais importante, não sabiam que nossa maneira de amar tem os mesmos contornos e texturas que qualquer outro; os mesmos medos e intensidades; as mesmas necessidades e confortos. Uma das necessidades inclui a mesma necessidade dos mesmos rituais e a mesma proteção constitucional que as outras pessoas<sup>8</sup>.

Esse mecanismo recaía sobre os personagens masculinos da trama que sofreram com o abismo que havia entre eles e as mulheres. Os personagens se encontravam invisíveis enquanto homossexuais, principalmente diante da família. Larry, por exemplo, ao contar sua história menciona que, ao se encontrar com Mary Robinson<sup>9</sup>, sentiu-se desconfortável pela visibilidade que iria ter. Desconforto que transformou-se em medo ao pensar que seus familiares descobririam sobre sua sexualidade através da mídia.

Pensei se não haveria uma maneira de sair de fininho. Falando sério. Cheguei a imaginar o que aconteceria se eu desse o fora. Me dei conta de que não poderia mais encarar nenhum dos meus amigos, mas seria um pequeno preço a pagar. Eu olhava à minha volta e me perguntava se alguém mais estaria sentindo o mesmo, mas acho que era o único ali que queria se esconder. Ficamos um ao lado do outro para sermos fotografados e filmados. [...]. Imaginem só, na minha família ninguém sabia de nada. [...] Eu havia ensaiado o que pretendia dizer, mas quando vi minha mãe não teve jeito, perdi a fala. Só consegui balbuciar: ‘Vocês não podem assistir ao noticiário das seis’. Então fui para a sala e fiquei parado em frente à televisão feito um imbecil (TÓIBÍN, 2004, p. 145-146).

<sup>8</sup> Invisibility became part of a survival mechanism. Its downside was that people simply did not know about us, and more importantly, did not know that our way of loving has the same contours and textures as anyone else’s; the same fears and intensities; the same needs and comforts. One of those needs includes the need for the same rituals and the same constitutional protection as other people (TÓIBÍN, 2015, s/p).

<sup>9</sup> Presidente da Irlanda entre 1990 e 1997, época em que se passa a narrativa. O momento ficcionalizado por Tóibín realmente aconteceu antes de se tornar ficção.

Larry por um tempo mantém sua sexualidade escondida, principalmente a respeito de sua família. A reação em relação à descoberta, se torna um motivo que leva à autocensura, que ele mesmo se submete, refletindo, portanto em seus atos, e ideias e como consequência da censura, ao silêncio e à invisibilidade.

Muitos homossexuais recorrem, portanto, a mecanismos como a união estável formando o modelo de parentesco mencionado por Butler para consolidar sua união amenizando a má visibilidade relacionada a essa comunidade, que é vista, na maioria das vezes, como pessoas promíscuas. Butler explica que:

Faz sentido que o movimento lésbico e gay se volte para o Estado, dada sua história recente: a tendência recente para o casamento gay é, de certo modo, uma resposta à AIDS e, em particular, uma resposta envergonhada, uma resposta na qual a comunidade gay busca desautorizar sua chamada promiscuidade, uma resposta na qual parecemos saudáveis e normais e capazes de manter relações monogâmicas ao longo do tempo. (2003, p. 239).

Os gays, então, buscam uma forma de romper com essa imagem envergonhada e recorrem a meios considerados típicos para a normatividade heterossexual sendo o mais comum a consolidação de sua união, e, para isso, recorrem ao Estado e à Igreja por meio do casamento que se torna um meio de fortalecer esse parentesco.

Vemos como um exemplo dessa prática o personagem Paul que revela a Helen sobre seu parceiro e seu casamento. Percebemos por sua narrativa, tangencial à trama, como sua história se relaciona aos argumentos de Butler. Observando a narração de Paul, vemos que seu parceiro, François, após perder os pais que os apoiavam, ficou demasiadamente deprimido afetando fortemente a relação de ambos, como podemos ver no trecho seguinte:

“Mas, passado um tempo, o fato de ter a mim já não o sossegava, ele não conseguia lidar com a ideia de que um dia eu poderia abandoná-lo. [...] Então lembro que uma noite, quando as coisas estavam realmente péssimas, perguntei se ele me amava e ele disse que sim. Eu disse que também o amava e sabia que ele tinha medo de ficar sozinho e afirmou que nunca o abandonaria. E disse que daria um jeito de mostrar que não estava falando por falar. E eu realmente não estava.” Paul se interrompeu e enxugou os olhos com as mãos. Estacou e olhou para Helen (TÓIBÍN, 2004, p. 169).

Paul se coloca em uma situação delicada quando vê seu companheiro fragilizado. Percebemos o medo que François tinha de ser abandonado, pelo fato da sociedade em si ser um ambiente hostil não o tolerando. Conforme Butler “[o] reconhecimento, inclusive o auto-reconhecimento, demonstra ser precário ou mesmo evasivo, apesar de nossos melhores esforços de ser um sujeito reconhecível de alguma maneira” (2003, p. 229). O medo que o personagem sentiu ao ver seus pais o deixarem contribuiu para que esse ficasse mais frágil e vulnerável às críticas que estava submetido por sua condição.

O amigo de Declan, então, procura uma solução a respeito da aceitação dos mesmos como tais, e acabam por encontrar, não necessariamente apostando no Estado em si, como Butler menciona em seu texto, mas na Igreja Católica.

“Nós dois fazíamos parte de um grupo de gays católicos em Bruxelas, um pessoal que se reunia todas as quartas-feiras à noite. [...]. Mas o fato é que participávamos e fizemos bons amigos por lá e um dia perguntei a uns dois ou três – coisa que precisei fazer com muita discrição, pois certos membros do grupo tinham verdadeira aversão à Igreja – se eles conheciam algum padre em Bruxelas, ou em outro lugar qualquer, que pudesse nos abençoar. Um deles havia sido padre e disse que

conhecia alguém. Prometeu sondá-lo e nos dar uma resposta.” (TÓIBÍN, 2004, p. 170).

A bênção procurada pelo personagem seria uma garantia que Paul daria a François que esse nunca seria abandonado. Ao mesmo tempo, seria uma maneira de legitimar o relacionamento, o parentesco do casal, perante a sociedade. Segundo Butler,

[a]ssim, parece que a atração pelo Estado é, ao mesmo tempo, uma atração por uma fantasia já institucionalizada pelo Estado e uma saída de uma complexidade social existente na esperança de se tornar finalmente “socialmente coerente”. (2003, p. 241)

Há por parte, não do Estado, mas da Igreja no referente caso, da crença de que a institucionalização do relacionamento de Paul e François, resultaria na melhoria de sua situação ao buscar uma bênção. Dessa maneira, portanto, o padre a quem o personagem procurara, ao ouvir a história de ambos e, com algumas restrições impostas ao casal decide realizar não só uma bênção, mas o casamento em si.

A igreja era decorada com ornamentos dourados e, quando ele acendeu as luzes, ficou tudo suntuoso e reluzente. Ele colocou as vestes sacerdotais, celebrou a missa, nos deu a comunhão e nos casou. Usou a palavra ‘esposos’, em vez de marido e mulher (TÓIBÍN, 2004, p. 172).

De acordo com Butler, “[l]ugar e santificação: essas, com certeza, são fantasias poderosas e assumem formas fantasmáticas particulares quando consideramos a proposta de casamento gay” (2003, p. 234). O casamento gay funciona como a afirmação da própria identidade. Uma autorrealização que o casal necessitaria para sentir-se parte da sociedade, e assim aceitar a si como uma relação não envergonhada e não promíscua.

Por mais que o ato do casamento relatado na trama seja considerado uma atitude, para a época, incomum e moderna, podemos reconhecer que a ideia ainda recorre a uma prática tradicional.

[...] poder-se-ia dizer que, através do casamento, o desejo pessoal adquire um certo anonimato e intercambialidade, torna-se mediado publicamente e, nesse sentido, um tipo de sexo público legitimado (BUTLER, 2003, p. 234).

Isto é, o casal pede ao Estado ou no referente caso, a Igreja, a legitimação de sua união para que assumam publicamente seu relacionamento. Essa seria então, uma satisfação voltada mais para a autolegitimação e, de certo modo, a afirmação e segurança da sua identidade e das práticas sexuais do casal retratada na reação de François como conta o seguinte fragmento: “François ria sem parar. Era a primeira vez que ele ria assim desde a morte dos pais e eu não conseguia tirar os olhos dele” (TÓIBÍN, 2004, p. 172).

O ato do casamento, portanto, se torna uma legitimação para os personagens, contudo, por mais que a união tenha sido oficializada as personagens ainda sofrem uma reação adversa, isto é, uma reação preconceituosa. Observamos esse tipo de postura quando Helen indaga sobre o casamento de Paul:

“Sabe aquele padre de Bruxelas?”, perguntou a Paul no momento em que ele se levantava da mesa.

“O que é que tem?”

“Será que o papa sabe alguma coisa a respeito dele?”

Paul semicerrou os olhos e apontou para ela. “Esse é o tipo de coisa que o Declan diria e ele usaria exatamente o mesmo tom de voz, atirando a pedra e escondendo a mão.”

“Foi só uma pergunta.”

(TÓIBÍN, 2004, p. 175).

Helen ao perguntar sobre o papa e, se ele sabe do casamento, mesmo inconscientemente acaba ferindo a Paul, pois ela questiona a legitimidade da cerimônia. Utilizamos as palavras de Butler para explicar que acontece nessa cena uma “desrealização” [que] certamente provoca conseqüências que vão mais longe do que ferir o sentimento de alguém ou do que ofender um grupo de pessoas” (2003, p. 238). A personagem, com seu comentário desconstruiu a ideia do casamento de Paul ao fazer referência ao papa, superior máximo da Igreja Católica. No entanto, Paul fala que Declan, que também é gay, seria capaz de fazer o mesmo comentário ofensivo, pois ele tinha conhecimento a respeito dos valores católicos e sabia muito bem que o casamento dos amigos não poderia ser considerado válido e por isso nem fazia sentido. Isso reforça que a posição dos gays frente a Igreja Católica não é unânime, mas cada um busca a felicidade naquilo que acredita, no grupo de gays católicos que Paul frequentava, segundo ele, existia muitos que, paradoxalmente, tinham verdadeira repulsa pela Igreja Católica, mesmo se considerando católicos.

De fato, essa Igreja não reconhece e nem aceita a união entre pessoas do mesmo sexo, não sendo mencionado nada a respeito dos homossexuais em suas principais leis. Ao fazer a cerimônia o padre do livro estaria indo contra as ordens dessa Igreja, portanto, sendo passível de punição, e a celebração realizada por esse padre seria considerada uma mera encenação do matrimônio e não a realização do sacramento em si.

De outro modo, ao perguntar, Helen estaria inquirindo indiretamente, também, o casamento de Paul e François. Casamento esse, que poderia ser questionado, pela fuga do modelo tradicional da família e logo pelo seu não reconhecimento, já que sexos iguais não são capazes de gerar nenhuma criança, condição fundamental prevista tanto no CIC quanto na Constituição vigente na Irlanda na época em que a trama do livro acontece.

Tóibín, no entanto, mostra como o desejo de garantia de felicidade eterna através de um casamento na Igreja, tão presente no imaginário heterossexual, também faz parte do universo homossexual. Ao mesmo tempo, mostra quão corruptível é a Igreja Católica, colocando-a no nível de qualquer outra instituição, mesmo que ela seja governada pela Sua Santidade, o papa.

Por fim, voltamos à reação da mãe de Declan em não considerar a união homoafetiva como um laço familiar, como Butler explica: “Não importa que formas sociais elas assumam, não são casamentos e não são famílias” (2003, p. 236). Ciente da ilegitimidade de um casamento gay, portanto, da impossibilidade de se considerar a união homoafetiva como um laço familiar, Lily, não respeita os amigos de seu filho.

Dora, por sua vez demonstra o preconceito cristalizado no social irlandês mesmo afirmando que: “Não me espanto com mais nada nesse mundo. Quem viveu o tanto que eu vivi já ouviu praticamente tudo” (TÓIBÍN, 2004, p. 146). A avó de Declan reflete o pensamento moderno que buscava reconhecer e aceitar a relação homoafetiva, contudo, por mais que a personagem tente aceitar a condição de seu neto e seus amigos ainda carrega o discurso hostil cristalizado na sociedade referente à comunidade gay.

O preconceito como retrata Tóibín mesmo com a entrada de novas tecnologias e diferentes culturas, conseqüentemente novas ideologias na sociedade irlandesa de então promoveu uma grande mudança no núcleo familiar ideal do país, contudo o preconceito e a hostilidade ainda não deixaram o inconsciente irlandês.

## Considerações Finais

O presente artigo fora pensado a partir da leitura do romance *A luz do Farol*, de Colm Tóibín, que nos apresenta a homoafetividade e a relação familiar como principal temática. Percebemos, então uma relação com o texto de Judith Butler a respeito, também, da homoafetividade no que tange ao parentesco, do reconhecimento de sua sexualidade e a não aceitação dessa identidade.

Durante as reflexões foi possível observar que a modernização afetou o lar irlandês, trazendo à tona o relacionamento homoafetivo. A obra de Colm Tóibín retrata a relação de amizade entre os personagens gays e sua constatação como uma família, pois, para a tradição irlandesa, o núcleo familiar só é considerada se for gerada uma criança, o que naturalmente não ocorre com pessoas do mesmo sexo.

Além disso, discutimos também o reconhecimento e a não aceitação do relacionamento

homoafetivo, que acontece tanto por parte de terceiros, como pelos próprios homossexuais. O casamento seria, então, uma forma de reconhecimento, de legitimação da união entre casais homossexuais, além da validação das práticas sexuais.

Por fim, os personagens referidos do romance buscam a Igreja para consolidar o relacionamento, uma forma tradicional de estabelecer a união de um casal. Seria, então, uma ação concreta de exposição de sua relação à sociedade, servindo também, para a afirmação pessoal do relacionamento em que se vive.

Concluimos, com este artigo, que apesar da abertura econômica e da modernização do país ainda vigora elementos do pensamento tradicional e moralista que perdura no inconsciente da sociedade irlandesa da década de 90 a respeito da relação homoafetiva, reconhecendo-a como um fato, contudo, não aceitando-a.

## Referências

BUTLER, Judith. **O parentesco é sempre tido como heterossexual?**. cadernos pagu (21) 2003: pp.219-260. Disponibilidade em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/cpa/n21/n21a10.pdf>>. Acesso em 24 de Fev de 2018.

**CODEX IURIS CANONICI**. 1983. Disponibilidade em:<[http://www.vatican.va/archive/codiduriscanonici/portuguese/codex-iuris-canonici\\_po.pdf](http://www.vatican.va/archive/codiduriscanonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf)>. Acesso em 29 de Set de 2018.

**CODEX IURIS CANONICI**. 1917. Disponibilidade em: <<http://www.intratext.com/IXT/LAT0813/2/95.HTM>> Acesso em 29 Set de 2018.

CONSTITUTION OF IRELAND. 1937. **Article 41**, Paragraph 2. Disponibilidade em: <[http://taoiseach.gov.ie/eng/Historical\\_Information/The\\_Constitution/](http://taoiseach.gov.ie/eng/Historical_Information/The_Constitution/)>. Acesso em 14 de mar de 2018.

FERREIRA, Rejane de Souza. **Voz e consciência narrativa: a percepção da família pela perspectiva feminina em três romances irlandeses**. 2014. 226f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia. Disponibilidade em:<<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/4221/5/Tese%20-%20Rejane%20de%20Souza%20Ferreira%20-%202014.pdf>>. Acesso em: 14 de mar de 2018.

FOUCAULT, Michael. **A ordem do discurso**. Ed 3. Loyola. São Paulo, 1996.

MURPHY, Antoin E. **The ‘Celtic Tiger’ An Analysis of Ireland’s Economic Growth Performance**. European University Institute Badia Fielosana. San Domenico. Italy. 2000.

O’TOOLE, Fintan. **Enough is Enough: How to Build a New Republic**. London: Faber and Faber, 2010. Disponibilidade em < <https://books.google.com.br/books?id=ArDaJJ-1w0QC&printsec=frontcover&dq=inauthor:%22Fintan+O%27Toole%22&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjwiJjV08PeAhUGE5AKHaaMDd0Q6AEIVDAG#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em 06 de Nov de 2018.

RAMME, Oliver. **1937: Entra em vigor a Constituição da Irlanda | Os acontecimentos que marcaram o dia de hoje na História** | DW | 29.12.2017. Disponibilidade em <<https://www.dw.com/pt-br/1937-entra-em-vigor-a-constitui%C3%A7%C3%A3o-da-irlanda/a-371953>>. Acesso em 13 de Out. de 2018.

TÓIBÍN, Colm. **A luz do Farol**. Trad. Alexandre Hubner. São Paulo. Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. **Ireland’s same-sex marriage vote: Writer Colm Toibin reviews historic attitudes to gay culture**. Independent. Wednesday 20 May 2015 18:45 BST. Disponibilidade em: <<https://www.independent.co.uk/news/world/europe/irelands-same-sex-marriage-vote-writer-colt-toibin-reviews-historic-attitudes-to-gay-culture-10265182.html>>. Acesso em 18 de Março.

TOLENTINO, Magda V. F; SOUSA Santos, Raimundo E. **A Constituição, A Família, A Tradição e a Desconstituição da Família Tradicional em The Beauty Queen of Leenane.** Ilha do Desterro: A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies, núm. 58, enero-junio, 2010, pp. 239-266 Universidade Federal de Santa Catarina Florianópolis, Brasil.

Recebido em 19 de novembro de 2018.

Aceito em 16 de julho de 2019.